

Literatura brasileira a contrapelo ou o que querem e o que podem os estudos carolinianos na cena acadêmica contemporânea

*Valeria Rosito,
UFRRJ/GEDIR- Gênero, Discurso e Imagem

I. À guisa de introdução, limites de campo

Em balanço ainda provisório, o centenário de Carolina Maria de Jesus, celebrado neste ano de 2014, registra avanços e impasses na órbita da escrita e da figura da escritora mineira de Sacramento. Entre os primeiros, as comemorações lançaram luz sobre pesquisas em andamento que se tonificam em fórum mais amplo, além de terem aproximado, em alguma medida, universidades e movimentos sociais. Em relação aos impasses relativos ao conturbado trânsito da escritora, os encontros parecem confirmar a urgência da circulação em bases amplas e virtuais, com tecnologias digitais disponíveis, de sua produção completa e estabelecida, como vem indicando a direção promissora dos trabalhos de Sergio Barcellos e Raffaella Fernandez. Usualmente, chega-se a menos de ¼ de Carolina, pelo *Despejo*.

Considerado somente por seu volume, o conjunto dos textos da escritora, cinquenta vezes mais caudaloso do que os do *best-seller* que a notabilizou em 1960, flagra limites e limitações de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, constatação reiterada por duas décadas pelos historiadores pioneiros Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy. Sobre alguns dos efeitos da celebração de parte de sua produção no eclipse persistente do todo, é também Bom Meihy quem atenta recentemente para multiplicação no país de movimentos sociais inspirados na escritora do Canindé. Com pouco ou nenhum contato com a escrita de Carolina Maria de Jesus, mulheres com alguma medida de risco social, encenam como “novas carolinas”

o descolamento entre a escritora e sua imagem, “em representações que prescindem dos modelos originais” (MEIHY, 2014).

A força do simulacro é fecunda também para aquilatar a dinâmica entre elogio e desqualificação à escritora, um fenômeno complexo em que a alta visibilidade da figura de Carolina Maria de Jesus, à custa da redução programática de sua lavra, acabou por aproximar seus padrinhos de seus detratores, fatias nada desprezíveis da imprensa e das letras no Brasil, respectivamente. A interdição conjunta à produção intencionalmente literária, poética e dramática de Carolina, escudada em argumentos convergentes em torno de ‘valor literário’ e ‘literariedade’, menos revela sobre a apreciação crítica da literatura caroliniana e mais sobre as disputas por lugares autorizados para representar. A literatura ‘empenhada’ da década de 1930, com sua matriz naturalista e feições ideológicas, se preservava, na passagem das décadas de 1950 e 1960, com o empoderamento, bastante discutível, das ‘vozes de dentro’. Eram versões atualizadas dos “delegados da coletividade” (CANDIDO, 2003, p. 194), até então integrantes de uma elite de homens brancos e abastados, que falavam pelos que não tinham voz (LAJOLO, 1996). A década de 1980 reserva aos exilados políticos, líderes de venda no gênero autobiográfico, o lugar privilegiado para repaginar canções do exílio, afinados ainda ao prestígio do ‘objetivismo’ e ‘imediatismo’ do gênero também confessional (SILVA, 2011, p. 36). “Será que escrever poesia é pecado?” – suspeita Carolina Maria de Jesus em “O exilado”, a respeito de seu próprio exílio das letras (JESUS, p. 160).

A falsidade da questão de motivação formal, portanto, se coloca no sentido em que são as feições irregulares, inesperadas e bastante contraditórias da forma caroliniana, as que mais emblematicamente traduzem o patrimônio imaterial de que ela se apropria e no qual ela se insere. E por ‘apropriação’ se entenda a tradução singular dos bens culturais de prestígio variável e extrações múltiplas. As medidas da ‘carência’ – evocadas a respeito de seus recursos de expressão – se isoladas para desqualificar a escritora ou qualificar a testemunha - igualmente obscurecem a densidade de sua lavra como ressignificação de experiência.

Uma narradora de segunda ordem, aquela que se observa observando

(GRUMBRECHT, 2010), Carolina rouba e confunde a cena do espetáculo de identidades que lhe é reservado como a favelada que se orgulha de “escrever no clássico”, em seus termos. Lê dos canônicos aos desconhecidos, brasileiros e europeus, grava sambas, toca tangos e, em seus termos, escuta “valsas vienenses” enquanto suas vizinhas casadas do Canindé “apanham como tambor” de seus maridos (JESUS, 1960, p. 14). Não passa sem as novelas de rádio, que lhe modelam dramaturgia e romances de matrizes folhetinescas, principalmente, e, não raro, se veste com penas ou lâmpadas para declamar nos palcos “Noivas de Maio”: “Seja uma mulher decente/Quando o teu esposo ausentar-se/Ele há de ficar contente/Encontrando-lhe no lar.” (Ibid, p. 133). Enfim, por lentes reversas, a indissolubilidade entre a escrita e a figura de Carolina Maria de Jesus dá movimento a representações, discursividades e figurações, cujo trânsito no circuito simbólico se mostra tão vertiginoso e mutante quanto o da própria migração de pessoas no espaço geográfico da modernidade, onde a escritora é também protagonista. Antes de tudo, a organização de sentidos pela *recepção ativa* de sua pena não se sustenta no isolamento da palavra sem voz ou do corpo sem fantasia.

No contexto da produção da crítica literária e cultural no Brasil hoje, a discussão em torno da homenageada se insere em contexto acadêmico e social em muitos aspectos bastante diverso daquele em que debutou Carolina Maria de Jesus. Nos limites dos Estudos Literários no Brasil dos últimos 30 anos, o testemunho tem sido o do fortalecimento dos estudos de gênero, dos estudos subalternos, e das escritas de si, todos eles de alcance tão considerável quanto polêmico e em processo de sistematização. Instrumentais metodológicos de base etnográfica, como as “plebeias entrevistas”, que passaram a concorrer com os “príncipes poemas” na década de 1980, em eco a Silviano Santiago (1997), acabam por aproximar, pelo oralismo, literatos e historiadores, em arenas tradicionalmente ocupadas por discursos ou fontes consagradas pelo beletrismo e pela escrita (MEIHY, 2013; LAJOLO, 1996). Por fim, malgrado entraves em sua aplicação e alguns de seus efeitos perversos, as leis de inclusão da última década acabam por favorecer também a revisitação da escrita e da figura de Carolina Maria de Jesus. Rediscute-se a configuração de uma literatura afro-brasileira, assim como se oxigenam, simultaneamente, quadros docentes e dis-

centes nas universidades.

II. Norte e histórico da pesquisa

A apreciação da produção completa da escritora, grade cultural de difícil acesso e intrincada por interdições, dispersões (BARCELLOS, 2014) e resíduos (FERNANDEZ, 2014) motivou o encaminhamento desta fase da pesquisa para a realização de duas ações simultâneas: [1]elaborar ferramentas de mapeamento, por indexação, no vasto repertório de seus romances, contos, poemas, provérbios, canções e, evidentemente, “benditos e malditos diários” - expressões culturais refratadas em índices em vasto rol de citações, referências, alusões e tópicas; e [2] e disponibilizar seu tratamento em rede aberta e virtual. A hipótese central do projeto se calça no entendimento de que o deslocamento múltiplo da escritora torna seu processo de subjetivação fórum privilegiado para compreensão do todo de que é parte (DELEUZE *apud* SANTIAGO, 2004, p. 211). Portanto, a base de indexação proposta tem em seu horizonte a recepção livre e engenhosa, por parte da escritora, de tradições letradas e orais, em extrações eruditas e populares e em circuito multimidiático. Trata-se da valorização da *recepção ativa* daqueles que, como a escritora, são objetos de celebração ou rejeição na medida do sucesso de sua *assimilação passiva* dos códigos culturais vigentes. Por se voltar para inflexões da ‘voz’ na organização de sentidos, a partir da recepção, o exame indicial da lavra caroliniana abre caminho ainda para, do outro lado do espelho, rever conceitos obsequiosos aos cânones modernos, tais como os de sistema, nação e identidades. Empréstalos, ao invés, conceitos afeitos às liminaridades da experiência contemporânea, como os de entre lugar, território e diferenças. (BHABHA, p. 16).

III. O ‘clássico’: usos e limites

Se “flor de estufa” é auto referência deslocada para uma de suas personagens (FBN, Coleção Vera Eunice, rolo 9, romances [Rita], 4ª parte), nossa escritora dá mostras do contrário. Como Machado de Assis, seu antecessor notável, nesses termos também qualificado, Carolina dialoga vigorosamente com um repertório amplo de índices culturais em graus variados de explicitação, como citações, alusões e encenações, usualmente condicionadas por escolha de gênero no discurso

e na intenção. A função de enobrecimento em muitos desses índices é regular, porém não exclusiva e nem sempre determinante (COMPAGNON, 1996). Provas de erudição ostentadas, mais compreensivelmente no caso de Carolina Maria de Jesus, se explicam, parcialmente, pela legitimação buscada junto aos seus editores: “Citei que as patrões não toleravam-me por causa do clássico. O Audalio sorriu e comentou. Imagina só. Esta négra usando livros. E elas expressavam assim mesmo. Ninguém me tolerava nos empregos.” (FBN rolo 1, 16/07/1960).

Os diários da escritora se provam mais afeitos às citações ou referências diretas, mais numerosas e com maiores graus de explicitação do que dão mostras seus demais gêneros. Sua proximidade com a mídia jornalística durante anos, a iminência de publicação e a demanda por parte de seus editores para a produção desenfreada de diários justifica, em parte, esse exercício rotineiro, como se percebe em: “O dr. Célio estava sentado sosinho na sua escrivaninha. Ele tem o perfil de Olavo Bilac. Comprimentei-lhe” (FBN, Coleção Vera Eunice, r. 1, 10/08/1960). Ou ainda no trecho sobre o padre Geraldo, de Sacramento, um *flash* de sua infância em Minas: “Ele não tinha aceitado a batina por vocação mas por imposição. Ele era semelhante ao personagem do romance, “O Seminarista.” (BR IMS CLIT Pi 0002, p. 230).

A esse respeito, o minucioso estudo de Perpétua (2014) sobre processo e efeitos da edição celebrizada de *Quarto de Despejo* comprova o expurgo sistemático desses mesmos índices com fins exatamente contrários aos intencionados pela escritora, como no caso em que o vozerio de seus vizinhos no Canindé e as assembleias socráticas são termos centrais de seus comentários:

Quando eu comecei escrever ouvi vozes alteradas. Faz tanto tempo que não há briga na favela. [*Uns 15 dias pensei até que os favelados estavam lendo Sócrates. O homem que não gostava de polemica. Ele dizia: que pode se realizar uma Assembleia e resolver os problemas com palavras.*]

Era a Odete e o seu espôso que estão separadós. Brigavam porque ele trouxe outra mulher no carro que êle trabalha (PERPÉTUA, p. 161)

No texto original, a escritora se distingue de seus vizinhos, que, a julgar pela ironia desferida, nem leram Sócrates nem se comportariam em conformidade

com o modelo socrático para resolução de conflitos. Em contrapartida, elidido todo o trecho com especulação e comentário sobre o cotidiano na favela à maneira socrática, resta ao leitor somente a comunicação imediata sobre a adversidade do meio social dos pobres. Um primeiro desdobramento da edição por subtração, sem dúvida, é o de anular o efeito pretendido de elevação, assim como o de cancelar a ironia na passagem. Subtraída a modulação de sua voz, achata-se o relevo e a autodeterminação da escritora.

Às massivas intervenções editoriais acrescenta-se a regulação fina de inúmeros aspectos adicionais favoráveis à construção de sua figura midiática:

[...] Com o dinheiro que o senhor Audalio Dantas, comprou a casa em 1960, comprava-se uma grande extensão de terras. Mas o senhor Audalio Dantas queria me dominar. Não gostei principiei a reagir. Não nasci na época da escravidão. Eu não tinha direito de fazer nada que o senhor Dantas, disseminava-me.

Uma noite, êle chegou na minha casa e criticou-me porque eu coloquei vários quadros nas paredes. Obrigou-me a retirar aludindo que a minha casa estaria antiquada parecendo galeria. Retirei os quadros em silêncio. Mas xingando o senhor Dantas mentalmente

Quando vesti uma saia japonêsa êle criticou dizendo que eu deveria ser mais simples no vestir

Tudo que eu fazia êle observaria. E assim minha admiração por êle ia arrefecendo.

Começou o meu calvario. (FBN rolo 3, 12/12/1962)

Palavra, cenário e figurino – composição esmerada de personagem. No eco de Bom Meihy, “ingredientes do processo de mitificação de Carolina: o sucesso – nacional e internacional – até então nunca visto;” (MEIHY, 2004, p. 30).

IV. A literatura nos diários - tempo do desejo e tempo da mercadoria

Contudo, ainda no gênero diário, o reconhecimento de mecanismos

compensatórios por parte da escritora ou de sua elisão por seus editores – a explicação ideológica somente - é pouco rentável para apreender a complexidade das feições refratadas em sua lavra. No caso específico de remissões por índices que acumpliciem seu leitor culto e idealizado, agrega-se também o efeito de *dilatação do tempo*, possível no espaço ‘ornamentado’ da poesia ou da ficção (ROSITO, 2012), certamente “uma reflexão sobre o próprio processo criador” (SOUSA, p. 101). Segurar a duração do tempo é modo de resistência ao consumo da palavra instrumentalizada, e meio de reintroduzir voz e corpo entre narradores e ouvintes num “tempo saturado de agoras”, nos termos benjaminianos (BENJAMIN, 1994). Entre catar papel ou se empregar como doméstica, a escolha da primeira ocupação foi determinante ao exercício da liberdade pelo tempo lento, com ênfase especial naquele destinado à leitura, indispensável à *recepção ativa* de que ora tratamos.

Pelo menos quatro das entradas de junho de 1960, vésperas da publicação de *Quarto de Despejo*, dão mostras do conflito crescente entre aquelas duas visões de tempo em Carolina: o de seu desejo e o de seu consumo como mercadoria. A gradação tem início em “Eu não tenho relógio. Despertei as sete horas” (FBN, rolo 1, 01/06/1960); reitera-se ainda em 20 de junho em “Despertei as 2 horas. Eu não tenho relógio. Mas ouvi o badalar do relógio da igreja do parí” (FBN, rolo 1); contrasta com a declaração aos vizinhos da oficina de carros em “Eu não tenho tempo. Eles dão muito serviço”, (FBN, rolo 1, 11/06/1960); e se confirma dialogicamente, quando a narradora passa de entrevistada a entrevistadora de um jornalista em 15/06/1960:

O reporter despediu-se dizendo que tem hora para entregar o serviço.

- O seu nome para o Diário? Sinão o Audálio repreende-me.

- José Roberto Pena.

- O senhor esta estudando?

parece médico!

- O jornal não me da tempo. (FBN rolo 1, 15/06, 1960)

A secção entre a escrita de encomenda e a escrita-ornamento culmina com o desabafo em 27 de junho de 1960, disparado a respeito da iminente publicação de *Quarto de Despejo*: “Pra dizer a verdade – Eu tenho nojo deste Diário” (FBN rolo 1, 27/06/1960). Na resistência da escritora à sua profissionalização e ao controle de seu tempo, no mesmo mês de junho de 1960, pelo menos dois registros nos dias 20 e 23 referenciam o lugar da literatura, com peças em andamento. A entrada deste último dia é particularmente interessante, dado o concurso da notícia sobre a escrita de seu drama, como gênero na literatura e o efeito do drama causado pela chuva em seu barracão:

Choveu a noite molhou a cama.

Tive que levantar e introduzir umas tabuas no meio das latas para impedir as goteiras.

Eu estou ansiosa para normalizar a minha vida. Quero trabalhar.

Não sei ficar inativa.

Fiz arroz, e feijão. Esta chovendo.

Passei o dia escrevendo um drama _ A senhora perdeu o direito. Que lamaçêrio horrível. (FBN rolo 1, 23/06/1960).

Ao contrário do que se possa supor, o enredo da peça em processo guarda pouca ou nenhuma relação especular com a realidade circundante da escritora, ressalvados raros traços biográficos, quase que alegóricos, nas feições de uma de suas personagens. Em 20 de julho do mesmo ano, ainda pouco antes do lançamento do *best-seller*, é ainda a produção dramática da escritora que se destaca em suas páginas diarísticas:

Disse para a Dona Celestina que não tenho tempo de lavar as roupas bem lavadas porque preciso escrever.

-O que está escrevendo?

- Drama.

- Como é o nome do drama?

Obrigado senhor Vigario. (FBN rolo 1, 20/07/1960)

No texto intitulado “Prólogo”, constituintes fracionários de narrativa autobiográfica, o olhar reverso da escritora sobre sua infância em Sacramento espacializa o tempo com uma retratação edênica do campo. É lá onde as “ocorrências da alta sociedade”, em periódicos como *Cena Muda*, *A Cigarra* e *Tico Tico* chegam à narradora menina de forma fantasmática. Sua recordação registra ainda o trânsito de “Verde”, junto às crianças na lavoura, que entoam “Lá Dona Imobile” (IMS Caderno *Um Brasil para os brasileiros*, p.25), referências que sugerem à pesquisa proposta a criação de campos de busca para periódicos e música. Depositários de índices com maiores graus de referencialidade, sem dúvida, os diários da escritora descortinam cena e obscena das letras, das artes e da indústria cultural em extensos e frequentes elencos onomásticos, como observado em “[...] Hontem encontrei a Ruth de Souza Ela me viu ia passando altiva percibi que não queria me comprimentar. abôrdêi-a e disse-lhe que vou a Argentina por hoje ... Tenho dito.” (JESUS [b], 1996, p. 135)

Palavras elogiosas são lançadas, em contraste, a outra atriz, já renomada à época:

[...] Quando a Dona Bibi Ferreira chegou fui falar-lhe. Ela parece franceza. O Audálio apresentou-me. Olhando-a, eu idealizava uma peça para ela. Já havia pensado na peça e relatado o argumento ao Audálio. Que mulher maravilhosa! Atenciosa. Culta, tem a suavidade das pétalas das rosas. (FBN rolo 1, 14/08/1960)

Originalmente estratégia de defesa da escritora contra transgressores da lei e da ordem no Canindé, aqueles registros emprestam *close* e *zoom* às ‘crônicas da vida privada e da vida pública’, oferecendo-lhes suplementos reveladores.

V. Literatura e seus gêneros e refração biográfica

Cresce a dificuldade do tratamento por indexação na razão direta em que se adentra a prosa ficcional e a lavra dramática da escritora. Resultados textuais constituídos por índices rarefeitos, prismáticos ou abstraídos de suas origens são organizados por imperativos dialéticos que diluem traços marcantes ou deslocam referências diretas. São da ordem da economia interna dos processos de subjetivação

as manobras imprimidas aos elementos biográficos na criação de personagens, por exemplo, muitas das quais devolvem à escritora o protagonismo que lhe é interdito na esfera extratextual, como pode ser observado no trecho do romance *Rita*:

Esta senhorita e Rita dos Reis afilhada de minha mãe que veio residir aqui porque seus progenitores faleceram. Rita apresento-lhe minha tia Helena, meu primo Ricardo e minhas primas Ilda e Vanda.

Vanda era ruiva e chêia de sardas. Helena era morena e obesa Ricardo era alto dos olhos verdes e os cabelos castanhos.

Dona Helena fitou a linda silhueta de Rita com os olhos semi-cerrados (FBN, Coleção Vera Eunice, rolo 9, caderno 14) [grifos acrescentados]

Afastada da referência direta pela citação de fontes nesse caso, que tanto podem sugerir um Joaquim Manuel de Macedo ou matrizes fabulosas europeias, como dos irmãos Grimm (*A Gata Borralheira* é índice privilegiado em sua lavra), a romancista opera uma lógica de criação suplementar pela qual presentifica sua história em refração na cena do romance e historiciza sua presença na cena das letras no Brasil. Trocando em miúdos, o endosso da tradição romântica, nesse trecho examinado, lhe serve para vindicar, nos traços de nobreza, beleza e bondade da protagonista Rita, do romance homônimo, aqueles que como ela, Carolina Maria de Jesus, estiveram ausentes ou foram reduzidos por representações unidimensionais ou coadjuvantes, no processo formativo e no repertório consagrado em nossas letras. (SILVA, p. 23). Como criadora, Carolina se inscreve também na história da literatura e das letras no Brasil. No campo ideológico, o triunfo da virtude sobre o vício e da justiça sobre a injustiça endossam a verdade ilustrada e os ideais universalistas centrados na Razão e da Lei – no Esclarecimento, um de seus termos recorrentes.

No entanto, a relativização do projeto moderno por parte da escritora, responde pela assídua reorganização daquelas bases ideológicas em seus vários enredos, personagens e gêneros, mas ganha forma lapidar em sua lavra proverbial. Não acaso constituem os últimos de seus esforços próprios de publicação, em 1963, sua “agonia literária”, nos termos de Bom Meihy (2004, p. 20). Em franco contraste com o excesso discursivo das entradas diárias, a brevidade dos provérbios de Carolina

parece sugerir novas direções à regulação externa de sua verbosidade, afinal “a franquesa em excesso, ofende” (FBN rolo 4, cad.1) e “quem não pode armazenar dinheiro, deve armazenar paciência” (ibid, idem). Breque é tática sonora para o disparo a curta distância, pois “As pessoas cultas, iduca seus ouvidos, a compreender só o que lhes interessa” e contrariamente à expectativa de que “os intelectuais precisam ser íntegros nos seus atos para dar bons exemplos” (ibid, idem), parece mesmo que “o Cristo foi um só Judas multiplicaram” (ibid, idem). No caso do tratamento de seus provérbios, o campo adicional de busca por assunto se figura rentável à natureza pedagógica do gênero.

Retomando a pergunta inicial: “O que querem e o que podem os estudos carolinianos na contemporaneidade?”. Sugere-se que a recuperação indicial das fontes literárias em vários gêneros, dicções e origens, além das fontes culturais em diversas procedências midiáticas, como o rádio, os jornais, as revistas de variedades e a tevê, pode oferecer ao pesquisador/a com qualquer grau de interesse, a entrada para feições desconhecidas ou pouco exploradas de nossa complexidade cultural. A amostragem da *recepção ativa* por parte de Carolina Maria de Jesus desse caldo cultural variado, mutante e complexo sugere especificidades e problemas na organização de campos de busca, preliminarmente considerados à luz de sua intenção literária ou não literária. Pelo alto grau de referencialidade desta última, campos mais numerosos, encabeçados por periódicos, filmes, programas de tevê, autor e título citados, podem ainda se beneficiar de um índice geral onomástico. Finalmente, a circulação da base de indexação em rede virtual permite sua alimentação e correção por quaisquer usuários e pode contribuir, ao fim e ao cabo, para uma apreensão mais produtiva, porque multifacetada, do lugar de Carolina Maria de Jesus na formação cultural no Brasil moderno.

* **Valeria Rosito** é professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Instituto Multidisciplinar, membro do Grupo de Pesquisa GEDIR - Gênero, Discurso e Imagem. Orienta o projeto de Iniciação Científica *Na palma da mão: intimidade e espetáculo em Carolina Maria de Jesus*, debruçado sobre os manuscritos e inéditos de Carolina Maria de Jesus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Sergio. *Arquivando Carolina: desafios e surpresas na organização do arquivo de Carolina Maria de Jesus*. Conferência para o I Colóquio Internacional do GEDIR – Gênero, Discurso e Imagem e III Persona, realizados de 10-11 de junho de 2014 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No prelo.

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito da história". In: ---. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, obras escolhidas, v.1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. "A revolução de 1930 e a cultura". In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003, p. 181-198.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*, tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG: 1996.

FERNANDEZ, Raffaella A. "Manuscritos fraturados: inventário ou invenção?" Artigo preparado para o I Colóquio Internacional do GEDIR – Gênero, Discurso e Imagem e III Persona, realizados de 10-11 de junho de 2014 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No prelo.

JESUS, Carolina Maria de. [a] *Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus*. (Org.) José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. [b] *Meu estranho diário: Carolina Maria de Jesus*. (Org.) José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: ABDR; Atica, 2006.

LAJOLO, Marisa. "Poesia no quarto de despejo ou um ramo de rosas para Carolina". In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Organização de MEIHY, José

Carlos S. B; revisão de FREITAS Filho, Armando. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996, p. 37-61.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos S. B. *The life and death of Carolina Maria de Jesus*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

MEIHY, José Carlos S. B. *Carolina, Carolina, Minha Carolina Maria de Jesus*. Conferência para o I Colóquio Internacional do GEDIR – Gênero, Discurso e Imagem e III Persona, realizados de 10-11 de junho de 2014 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No prelo.

MEIHY, José Carlos S. B. “Os fios do desafio: o retrato de Carolina Maria de Jesus em tempo presente”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Artes do corpo*. São Paulo: Selo negro, 2004, p. 15-53.

_____. & HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, José Carlos S. B. “Um olhar brasileiro”. In: MEIHY, José Carlos S. B; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 210-232.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

ROSITO, Valeria. “Post colonial female fiction: from the solitary stand in Carolina Maria de Jesus to the solidary diction in Conceição Evaristo”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.21, 2012, p.191-211. Disponível em <http://www.abralic.org.br/revista/2012/21/143/download>

_____. “Na palma da mão: intimidade e espetáculo em Carolina Maria de Jesus”. In: SALGADO, Graça & ROSITO, Valeria (orgs). *Degenerações: perspectivas de gênero nas artes e nas ciências*. Seropédica, Rio de Janeiro, EDur, 2013.

SANTIAGO, Silviano. “Cadê Zazá? Ou a vida como obra de arte”. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 205-212.

SANTIAGO, Silviano. *Crítica cultural, crítica literária: desafios do fim do século*. Conferência preparada para a Latin American Studies Association, 17-19 abril 1997,

Guadalajara, México.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. Campinas, SP: [s.n.], 2011. Tese (doutorado) Universidade Estadual e Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010.

Fontes

Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Setor de Manuscritos. Coleção Vera Eunice MS 565 (rolos 1-10)

Instituto Moreira Salles . BR IMS CLIT CMJ Pi 0001

Instituto Moreira Salles. BR IMS CLIT Pi 0002 incipt: “Meu Brasil [...]” [196-]

<machadodeassis.net>